



MARIA, HELENA E SEUS AMORES: A CULTURA POPULAR EM “AMOR DE MARIA”, DE INGLÊS DE SOUSA, E “ACONTECIMENTO EM VILA FELIZ”, DE ANÍBAL MACHADO

**Vitória Mombrum Leão Magalhães (UEMS)¹
Marcos Vinícius Teixeira (UEMS)²**

Resumo: Este artigo se propõe a realizar um estudo comparativo entre os contos “Amor de Maria”, de Inglês de Sousa, e “Acontecimento em Vila Feliz”, de Aníbal Machado, observando as semelhanças e diferenças na construção literária, com enfoque à presença da cultura popular. Ambas as obras trazem protagonistas femininas que precisam lidar com a especulação e intromissão da comunidade em suas vidas, o que influencia de forma determinante suas ações. A obra de Inglês de Sousa, escritor naturalista, aborda a temática dando enfoque não só aos anseios da protagonista para a conquista de seu amado como também à misticidade popular do norte do país. Já o conto de Aníbal Machado, um autor modernista, tem como foco o imaginário brasileiro frente a questões como casamento e maternidade, além da presença de elementos místicos e insólitos. O objetivo do artigo é comparar a presença da cultura popular nas obras, compreendendo a importância desse fator na construção da narrativa. Para a realização deste estudo, recorreremos aos trabalhos de Benjamin (1994), Cortázar (2008), Candido (2011), Cascudo (2012), Coelho (2009), Freitas (2013), dentre outros.

Palavras-Chave: Cultura Popular. Contos. Inglês de Sousa. Aníbal Machado.

Abstract: This article proposes to carry out a comparative study between the short stories “Amor de Maria”, by Inglês de Sousa, and “Acontecimento em Vila Feliz”, by Aníbal Machado, observing the similarities and differences in the literary construction, focusing on the presence of popular culture. Both works feature female protagonists who must deal with speculation and the community's intrusion into their lives, which has a decisive influence on their actions. The work of Inglês de Sousa, a naturalist writer, addresses the theme, focusing not only on the protagonist's yearnings for the conquest of her beloved, but also on the popular mysticism of the north of the country. The tale by Aníbal Machado, a modernism author, focuses on the Brazilian imagination in the face of issues such as marriage and motherhood, in addition to the presence of mystical and unusual elements. The article aims to compare the presence of popular culture in the texts, understanding the importance of this factor in the construction of the narrative. To accomplish this study, we used the works of Benjamin (1994), Cortázar (2008), Candido (2011), Cascudo (2012), Coelho (2009), Freitas (2013), among others.

Keywords: Popular Culture. Short stories. Inglês de Sousa. Aníbal Machado.

¹ Graduanda no curso de Letras – Português/Inglês e suas Literaturas na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade de Campo Grande. Email: vmombrum@gmail.com

² Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (2007-2012) e professor do curso de Letras e do mestrado acadêmico de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul atuando na unidade universitária de Campo Grande-MS. É um dos líderes do Grupo de Pesquisa "Modernismo periférico: poéticas do século XX". Email: marcosteixeira@uems.br





1. Introdução

A cultura popular ainda é um conceito muito difícil de ser definido, uma vez que não há um consenso sobre sua abrangência. Existem debates em que assume divergências com os termos cultura de massa e cultura erudita e em outros, convergências. Assim, cada pensador, dependendo de sua época e corrente teórica, estuda-a de um ponto de vista diferente.

Nessa perspectiva, a historiadora Martha Abreu defende que, mesmo havendo diversos aspectos conflitantes e incertos no que tange o tema, é de suma importância o estudo de cultura popular, sem negligenciar o fato de que “como todo conceito, o de cultura popular também constrói identidades e possui uma história” (Abreu, 2003, p.2). Desta forma, precisa-se entender cultura popular como uma ferramenta moldada através do tempo, necessitando sempre ser estudada a partir de suas transformações ao longo da história.

Assim, como estamos tratando de um estudo literário de cultura popular, é necessário também abordar aspectos históricos do conceito. Foi no século XVIII, na Europa, através da necessidade de separação entre a intelectualidade da época e os conhecimentos camponeses – esses cada vez mais respeitados como identidade das culturas nacionais –, que surgiu, na Alemanha, o conceito de cultura popular.

Já no século XIX, o ensaísta Walter Benjamin aponta dois grupos de narradores como aqueles que perpetuam a experiência das histórias orais. “Se quisermos concretizar esses dois grupos através dos seus representantes arcaicos, podemos dizer que um é exemplificado pelo camponês sedentário, e o outro pelo marinheiro comerciante.” (Benjamin, 1994, p. 199). Importante notar que ambos os grupos são compostos por pessoas que detinham conhecimentos populares, oriundos da cultura popular. Entende-se assim que a cultura popular ganha notoriedade e relevância entre intelectuais europeus, sendo alvo de estudos e pesquisas.

No mesmo século, o termo cultura popular chegou à América Latina e, conseqüentemente, ao Brasil, sendo bastante apreciado pela academia, através das correntes que apoiavam o Folclore.

Desde o final do século XIX, no Brasil, a expressão cultura popular esteve presente numa vertente do pensamento intelectual, formada por folcloristas, antropólogos, sociólogos, educadores e artistas, preocupada com a construção de uma determinada identidade cultural. Artistas, políticos, literatos, intelectuais tentaram responder a estas questões relacionando cultura popular com variados atributos, por vezes contraditórios: ora com a não modernidade, o atraso, o interior, o local, o retrógrado, o entrave à evolução; ora com o



futuro positivo, diferente, especial e brilhante para o país, valorizando as singularidades culturais e a vitalidade de uma suposta cultura popular, responsável pelo nascimento de uma nova consciência, uma nova civilização, sempre mestiça (Abreu, 2003, p.2).

No século XX, com a ascensão da sociologia oriunda da Universidade de São Paulo (USP) nas décadas de 1950 e 1960, os pensamentos foram se alterando. Inicialmente, por existir resistência a tradições, estudiosos refutaram a ideia de cultura popular por acreditarem se tratar de um termo que fugia de questões sociais importantes, como as lutas enfrentadas pelos trabalhadores brasileiros, a classe oprimida.

Se o folclore valorizava o tradicional e o que permanecia, como traços de uma identidade cultural e étnica, marcada pela integração cultural sincrética das 3 raças (também conhecida como a “fábula da união das três raças”), a sociologia das décadas de 1950 e 1960, liderada pela Universidade de São Paulo (USP) de Florestan Fernandes, passou a ver as culturas populares no âmbito da modernização, da mudança social e das desigualdades sociais. Os folcloristas e o folclore passaram a receber críticas profundas por defenderem uma prática tida como não científica, em função de seu pretenso caráter mais descritivo que interpretativo, e por ficarem identificados às forças mais conservadoras de uma sociedade que rapidamente se transformava, cheia de conflitos sociais (Abreu, 2003, p.5).

Porém, alguns outros pensadores se posicionaram contrários a essa retaliação à cultura popular. Um deles foi Mário de Andrade, importante escritor e estudioso modernista, que “incrementou a pesquisa folclórica e etnográfica, valorizando as culturas populares, no pressuposto de que todos os níveis são dignos e que a ocorrência deles é função da dinâmica das sociedades” (Candido, 2004, p. 188). Por causa dele e de outros pensadores, entendeu-se ser possível haver um diálogo entre a cultura popular e a necessidade de se dar visibilidade às mazelas vivenciadas pela sociedade brasileira, uma vez que aspectos culturais estão necessariamente interligados com as situações que um povo está submetido.

Partindo desse pressuposto, muito historiadores trabalharam com o termo cultura popular, tentando defini-lo a partir de estudos mais modernos, com maior engajamento social. A título de ilustração, tem-se o inglês E. P. Thompson, pois para ele “cultura é um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subalterno, a aldeia e a metrópole” (Abreu, 2003, p.9).

Nesse sentido, é possível incluir novamente as ideias do teórico Walter Benjamin que acreditava na beleza das narrativas contadas de boca a boca. Isso porque nelas estão contidas



experiências responsáveis pela inspiração de todas as boas histórias. Afinal, “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (Benjamin, 1994, p.198). Com essa afirmação também percebemos que é possível haver uma ponte entre a linguagem escrita e a narrativa oral, mesclando assim a arte literária com a cultura popular. Inglês de Sousa, em seu conto “Amor de Maria”, e Aníbal Machado, em seu conto “Acontecimento em Vila Feliz”, constroem essa ponte com excelência.

Dessa forma, constatamos que a cultura popular está diretamente ligada à construção literária dos dois contos, visto que impasses ligados à falta de informação acerca de medicações, por exemplo, estão diretamente relacionados a circunstâncias sociais, posta a misticidade presente na cultura popular brasileira. Além disso, há também questões culturais como casamento e maternidade, com forte presença no imaginário brasileiro, sendo essas temáticas abordadas nos contos a serem estudados.

2. Amor de Maria, e de Helena

Tanto “Amor de Maria” quanto “Acontecimento em Vila Feliz” são ambientados em povoados no interior do país, possuindo como protagonistas mulheres muito bonitas que não têm interesse pelos homens de suas respectivas vilas e acabam se apaixonando por aqueles que vieram de fora. Além da semelhança de enredo, ambos os contos têm a presença muito forte da cultura popular, sobretudo no que tange o imaginário brasileiro, fazendo com que esses elementos ajam de forma determinante nas atitudes das protagonistas e na forma como elas se relacionam com os outros.

Nesse sentido, é preciso traçar uma análise comparativa entre as obras, pois “a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e ao alcance dos objetivos a que se propõe” (Carvalho, 1986, p. 7). Isto é, para entendermos as semelhanças entre “Amor de Maria”, de Inglês de Sousa, e “Acontecimento em Vila Feliz”, de Aníbal Machado, nos ancoramos na literatura comparada que, “em síntese, [...] é um meio, não um fim” (Carvalho, 1986, p. 7), para podermos chegar à conclusão acerca das aproximações entre os textos.



Assim, antes de traçarmos esse estudo comparativo das obras, é preciso entender as circunstâncias em que as histórias estão inseridas. O conto “Amor de Maria”, de Inglês de Sousa, é ambientado no norte do Brasil, em Vila Bela, e narra a história de Mariquinha, uma jovem muito bonita que recusava todos os pedidos de casamento que recebia, o que despertava a indignação de todos ao seu redor. Certo dia, chega em Vila Bela um rapaz vindo da cidade grande chamado Loureço, despertando a paixão de várias moças, inclusive de Mariquinha.

Ele se aproveita da situação e começa a se relacionar tanto com a protagonista quanto com outra personagem. Isso abala muito Mariquinha, que queria a todo custo ser a escolhida do amado. Ao vê-la frustrada, Margarida, a mãe-de-leite, sugere que a menina utilize o tajá³ para conquistar o amor de Lourenço. Assim, a narrativa se desenvolve em torno da misticidade que envolve a planta, que é venenosa, culminando em um trágico final.

O conto “Acontecimento em Vila Feliz”, de Aníbal Machado, é ambientado em uma vila fictícia, possivelmente com inspiração no interior de Minas Gerais, terra natal do autor. A protagonista dessa obra também é uma mulher que lida com as intromissões das pessoas em sua vida. Isso porque Heleninha, moça que possuía muitos pretendentes em Vila Feliz, preferiu se casar com alguém de fora e, depois de muito tempo sem conseguir engravidar, esperava seu primeiro filho, que, na verdade, posteriormente, é revelado ser de uma gravidez forjada.

Assim, muitas eram as especulações e comentários que se ouviam acerca dela, mistos de inveja e curiosidade acerca do então primeiro filho da protagonista. De qualquer forma, Helena parecia não se preocupar. Na realidade, para os habitantes da vila, parecia que nem se importava com a gravidez, já que não demonstrava alegria ou empolgação. Além disso, muito incomodava o povo de Vila Feliz o fato de que Helena mantinha alguma relação com Paquita, espanhola misteriosa que todos evitavam. Com o decorrer da história, todos descobrem que a gestação é falsa, o que faz com que se voltem contra Helena e assim a narrativa avança em torno disso.

Arrastou-se até à janela, espiou pela fresta. Quedou-se assistindo à sua própria desgraça. Um senhor de fraque gesticulava enfurecido; mulheres descabeladas uivavam impropérios; mais longe, à porta do café, um grupo soltava gargalhadas. Frases esparsas: “Mamãe, vem dar de mamar ao nenem.” “Cadê o filhinho que estava aqui?” “Gato comeu.” “Viva D. Paquita, a grande parteira” – cortavam-lhe a alma. (Machado, 1977, p. 174).

³ Nome popular para a planta *Caladium bicolor*, também chamada de tinhorão.



Voltando à questão da cultura popular, é notável sua correlação entre as obras na medida que se conduz uma análise da tradição oral presente na construção dos contos. Isso porque, segundo Benjamin, “entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (Benjamin, 1994, p.198), sendo possível haver uma ligação entre a linguagem escrita e a narrativa oral – que, por sinal, é muito positiva na escrita de um conto. Assim, pontuamos que Inglês de Sousa e Aníbal Machado constroem seus contos baseados em elementos orais e, portanto, da cultura popular.

As percepções dos narradores também integram a cultura popular inserida nas narrativas. Segundo Benjamin, “os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir” (Benjamin, 2003, p. 205) e é assim que o procurador, sujeito que narra a história retratada em “Amor de Maria”, começa a contar o que aconteceu com Mariquinha, demonstrando uma forma característica, oriunda da cultura popular, de narrar situações.

Ainda me lembra a Mariquinha, como se a estivesse vendo. Tão profunda foi a impressão deixada no meu espírito pela desgraça de que foi autora e vítima ao mesmo tempo a afilhada do tenente-coronel Álvaro Bento, a mais gentil rapariga de Vila Bela! (Sousa, 1988, p. 41).

Por sua vez, o narrador de “Acontecimento em Vila Feliz” começa sua narrativa de forma mais direta, porém não sem deixar aspectos da cultura popular. Nos primeiros parágrafos, é apresentado, de maneira implícita, a importância da maternidade para a vila, ratificando conceitos da cultura popular, fortalecidos pela religiosidade e tradição, de que uma mulher só seria completa se estivesse casada e com filhos.

Quanto à construção literária, o primeiro ponto em comum é verificado no espaço das obras. Enquanto “Amor de Maria” é ambientado no povoado de Vila Bela, no Norte do Brasil, “Acontecimento em Vila Feliz” acontece em um local fictício denominado Vila Feliz, inspirado no interior de Minas Gerais, como já dissemos. Percebemos então que, mesmo sendo ambientadas em regiões diferentes — o que talvez trouxesse diferenças regionais à narrativa —, ambas as obras se passam em vilarejos no interior e, por isso, possuem semelhanças no que se refere o espaço em que estão inseridas. Isso acontece pois há uma busca por uma universalização do enredo, de forma a fazer com que um número maior de leitores se identifique com a obra.



Percebemos a caracterização de ambientes comuns a qualquer vilarejo do interior do Brasil. Em “Amor de Maria”, o narrador apresenta Vila Bela como um local com poucas ruas, uma praça localizada na rua principal, com uma igreja em seu centro. Tal descrição é típica de uma pequena cidade do interior do Brasil, independente do período histórico e da localização.

Vila Bela é antes uma povoação de que uma vila. Três pequenas ruas em que as casas se distanciam dez, vinte e mais braças umas das outras; se estendem, frente para o rio, sobre uma pequena colina, formando todo o povoado. No meio da rua principal, a capelinha que serve de matriz ocupa o centro de uma praça, coberta de matapasto, onde vagam vacas de leite e bois de carro. (Sousa, 1988, p. 42).

Em “Acontecimento em Vila Feliz”, ao longo da narrativa, alguns aspectos da vila apresentados também podem ser interpretados como comuns a qualquer povoado. A presença de uma ponte onde os enamorados por Helena se reuniam para lamentar o fato de que a protagonista não os escolhera é um exemplo desses elementos. Além disso, o fato de os habitantes da vila serem infelizes e cuidarem da vida alheia também é marca característica de cidades interioranas.

— Aquele sonso vive na ponte. Olha lá ele!
Para ali acorriam também José Diogo e outros melancólicos do lugar. Pouco a pouco a porta foi se tornando depósito dos desgraçados da Vila. (Machado, 1977, p. 164).

Outro aspecto importante de semelhança entre as obras se dá na construção das personagens, que, segundo Antonio Candido, são muito importantes para o enredo, porque “quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha do seu destino” (Candido, 2011, p. 53).

A similaridade entre as protagonistas começa ao percebermos que tanto Maria, de “Amor de Maria”, quanto Helena, de “Acontecimento em Vila Feliz”, eram tratadas pelo diminutivo – Mariquinha e Heleninha – em uma tentativa de reduzi-las a apenas moças solteiras que divergiam da maioria da população de seus povoados, sendo assim submetidas a julgamentos e comentários maldosos sobre suas vidas.

Essa divergência, em um primeiro momento, é resultado do fato de ambas recusarem todos os pretendentes que lhes eram apresentados. Enquanto em “Amor de Maria”, “desde que chegara aos quatorze anos, começara a moça a ser pedida em casamento e aos dezoito anos



recusara nove ou dez pretendentes, coisa admirável numa terra com poucos rapazes solteiros” (Sousa, 1988, p. 42), Helena, em “Acontecimento em Vila Feliz”, “sem que se decidisse por qualquer rapaz, alimentava em cada um a esperança de possuí-la. E mais fascinante se tornava na maneira de esquivar-se aos pretendentes” (Machado, 1977, p. 161).

As duas acabaram se interessando por homens que vieram de fora. A paixão de Mariquinha se chamava Lourenço, um rapaz bonito, que viera da cidade grande, filho do capitão Amâncio, um homem importante da cidade. “O filho do capitão Amâncio era um rapaz alto e louro, bem-apeσοado. [...] Acrescia que Lourenço tinha uns modos que só se encontram nas cidades adiantadas, vestia à última moda e com apuro, falava bem e era desembaraçado.” (Sousa, 1988, p. 43). Helena, por sua vez, apaixonara-se por um agrônomo chamado Mário Silvano, vindo para trabalhar em uma cidade próxima à Vila Feliz.

O “príncipe” tinha sido designado pelo governador para dirigir o Aprendizado Agrícola, a cinco léguas da Vila. O casamento, meses depois, tivera assim o caráter de uma fatalidade. E que maneira de casar! Sem festa, quase sem testemunhas — um desacato às tradições da terra. (Machado, 1977, p. 161).

O fato de se envolverem com forasteiros está relacionado a uma tentativa de ruptura com seus povoados e sua vida cotidiana. Vindos de locais diferentes e possuindo mais estudo, ambos os personagens representavam o novo. Em Vila Bela, essa novidade até despertava um certo fascínio por parte da população, porém é nítido que não se sentiam confortáveis com os modos de Lourenço, uma vez que ele simbolizava a inovação.

Foi um acontecimento a chegada do Lourenço de Miranda. O capitão Amâncio, todo orgulhoso, apresentou-o logo à metade da população. Toda a gente era obrigada a fazer-lhe elogios, posto que a muitos não agradassem aqueles modos petulantes, que pareciam dizer: — Vocês são uns bobos! (Sousa, 1988, p. 43).

Em Vila Feliz, a recusa pelo novo era ainda maior. Mário Silvano não era bem-quisto pelos habitantes em geral, posto que simbolizava a modernidade, situação que ia de encontro à comodidade consagrada pelo tradicionalismo da vila e, “em nenhum momento, em Vila Feliz, vislumbra-se uma vontade em se conhecer o que de inovador surge.” (Weg, 1997, p. 43). Assim, em uma tentativa de encontrar esse novo — Mariquinha de forma mais ingênua e Heleninha de maneira mais intencional —, as protagonistas foram se distinguindo das outras moças de seu povoado.



Dessa forma, notamos, em um segundo momento, que as protagonistas das obras divergem dos habitantes de sua vila pois são retratadas “como seres complicados, que não se esgotam nos traços característicos, mas têm certos poços profundos, de onde pode jorrar a cada instante o desconhecido e o mistério” (Candido, 2011, p. 60). Podemos, portanto, caracterizá-las, segundo Candido, como personagens de natureza ou esféricas enquanto a maioria das pessoas que viviam na vila são personagens de costumes ou planas, com marcas comuns e bem perceptíveis.

Apesar dessa conceituação, é necessário destacar que por se tratar de contos, gênero mais enxuto, as informações narradas são mais selecionadas. Afinal, segundo Julio Cortázar, “o contista sabe que não pode proceder acumulativamente, que não tem o tempo por aliado” (Cortázar, 2008, p. 152). Desse modo, ambos os autores não se aprofundam em questões psicológicas das protagonistas, o que faz com que não saibamos quais são seus pensamentos, ficando a cargo do leitor interpretar as motivações das personagens para a tomada de decisões. Assim, principalmente em “Acontecimento em Vila Feliz”, em conformidade com as ideias de Benjamin, “o extraordinário e o miraculoso são narrados com maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto para o leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser” (Benjamin, 2003, p. 203).

Ao construir as protagonistas, Inglês de Sousa e Aníbal Machado tiveram como inspiração outras mulheres marcantes da literatura que se distanciavam do esperado por personagens femininas e que também podem ser caracterizadas como personagens esféricas. Segundo Dionne Freitas, a descrição de Mariquinha se assemelha à caracterização de personagens femininas do Romantismo, como as de José de Alencar. Já Helena, de Aníbal Machado, segundo Márcia Coelho, possui nitidamente relação com a personagem clássica de mesmo nome, pois ambas foram consideradas traidoras e, como contraposição, enquanto a Helena mitológica era representação da Fertilidade, a protagonista de “Acontecimento em Vila Feliz” não podia ter filhos.

Apesar dessas referências com a tradição, é notória a presença de elementos da cultura popular na construção das personagens. Freitas aponta que “a afilhada de Álvaro Bento é caracterizada sob uma perspectiva dialética, ora é idealizada como uma heroína romântica, ora como uma feiticeira, um demônio capaz de hipnotizar, atrair, encantar, e transformar a cabeça de todos os homens da vila.” (Freitas, 2013, p. 53). Essa perspectiva dialética também está presente na protagonista de “Acontecimento em Vila Feliz”, pois, para os moradores da vila,



“sua pureza tinha algo de diabólico”. Assim, é possível observar a presença da cultura popular à medida que as personagens são classificadas dentro de uma complexa dualidade entre o bem e o mal, muito característica do imaginário popular brasileiro.

Os termos utilizados para caracterizá-las também são muito significativos, como ocorre com os adjetivos selecionados pelo narrador para definir Helena. Coelho compara, por exemplo, a protagonista a uma sereia, que, segundo o estudioso Luís da Câmara Cascudo, é uma mulher que usa sua voz para seduzir homens e os levar à morte. Por meio das considerações feitas por Freitas acerca de Mariquinha, é possível compará-la também a esse ser místico, uma vez que possuía o poder “de hipnotizar, atrair, encantar, e transformar a cabeça de todos os homens da vila.” (Freitas, 2013, p. 53).

Nesse sentido, Mariquinha também pode ser comparada a outra personagem de “Acontecimento em Vila Feliz”. No conto, Paquita é considerada uma bruxa e, em “Amor de Maria”, Mariquinha, uma feiticeira. Para Cascudo, os termos são sinônimos e caracterizam uma mulher responsável por, dentre outras coisas, fazer feitiços e simpatias para questões amorosas, o que se aplica às duas personagens. Enquanto Mariquinha usa do tadjá para tentar conquistar seu amor, Paquita é acusada pelos habitantes da vila de usar métodos místicos para seduzir os homens.

Além disso, notamos que ambas as protagonistas possuem mulheres que lhes apoiam nessa subversão do tradicionalismo de suas vilas. Em “Amor de Maria”, Mariquinha possui Margarida, sua mãe-preta, que, comovida pelo sofrimento da menina, sugere a utilização do tadjá. Apesar de uma aparição menor e pouca informação acerca dela, por meio da definição de Cascudo, podemos concluir que possivelmente fora tachada de bruxa também, sendo inclusive presa no final da narrativa.

Em “Acontecimento em Vila Feliz”, segundo Rosana Weg, Paquita “pelo simples fato de ser estrangeira também não é aceita” (Weg, 1997, p. 43) pela população da vila. Vemos em sua descrição a presença muito forte de um imaginário popular brasileiro: ela era considerada uma pessoa ruim por ser viúva, sem filhos e vinda da Espanha – o que gerou boatos sobre sua provável participação na Revolução Espanhola.

Assim, percebemos que a cultura popular está muito inserida em ambas as narrativas e se torna mais visível conforme a misticidade vai sendo evidenciada. Em “Amor de Maria”, há pequenas parcelas do imaginário popular sendo inseridas no decorrer do conto, muitas vezes passando despercebidas em uma primeira leitura, como é o caso das nomenclaturas utilizadas



para definir Mariquinha. Entretanto, no final do conto, fica explícita a presença da cultura popular com o aparecimento do tajá, que integra o imaginário de lendas amazônicas.

Já em “Acontecimento em Vila Feliz”, a cultura popular está mais bem definida e presente. Além das categorizações de Paqueta e Helena, há também o personagem Chico Treva, o barqueiro que ajuda a protagonista escapar da revolta da população, que acabara de descobrir sua farsa. Segundo Coelho, ele possibilita a presença do insólito no conto, pois é considerado quase que um monstro. Isso também é percebido por Weg, que afirma ser um indivíduo grotesco e sujo, sendo esse o motivo de Chico Treva ser tachado de monstro.

Além disso, como em “Amor de Maria”, o conto de Aníbal Machado também possui elementos não humanos que, baseados em crenças populares, são responsáveis por satisfazer vontades e desejos humanos. Um exemplo é a presença de amuletos propiciatórios dados a Helena pelas mulheres mais velhas da vila, ficando evidente então que o artefato era usado para proteção da protagonista de qualquer mal, desafiando assim uma ordem racional das circunstâncias, tal como o tajá.

Os finais misteriosos de ambos os contos também se assemelham se observados em determinada perspectiva. Em “Amor de Maria”, apesar de personagens secundários terem seus finais bem pontuados – a mãe preta foi presa, falecida na prisão por maus tratos, e Lourenço morreu tomando o chá feito com o tajá –, o destino de Mariquinha não é conhecido.

Quanto à formosa e infeliz Mariquinha, desaparecera de Vila Bela, sem que jamais se soubesse o seu paradeiro. Ter-se-ia atirado ao rio e confiado à incerta correnteza aquele corpo adorável, tão desejado em vida? Ter-se-ia internado pela floresta para perder-se na solidão das matas? Quem jamais o pôde dizer? (Sousa, 1988, p. 49).

Já em “Acontecimento em Vila Feliz” o paradeiro de Helena e Mário Silvano também não é relatado de forma completa, só ficando claro que o casal foge e nunca mais retorna a Vila Feliz. O conto termina com a notícia que é divulgada nos jornais locais:

Uma senhora da melhor sociedade simula um parto e foge com um monstro. O marido, engenheiro agrônomo, abandona o serviço de que era diretor depois de praticar um desfalque. Trata-se, ao que parece, de um antigo líder comunista. Indignação popular. (Machado, 1977, p. 179).

Tais finais dialogam com a cultura popular, pois possibilitam que o imaginário popular seja instigado. No caso de “Amor de Maria”, por exemplo, é possível imaginá-la morta ou



vivendo nas matas. Já em “Acontecimento em Vila Feliz” as possibilidades são ainda maiores. É possível ter um ponto de vista realista ou insólito, possibilitado pela presença do místico trazido por Chico Treva ou mesmo por Paquita.

Nesse sentido, tem-se um convite à imaginação, traço muito comum na oralidade e narrativa, aproximando ainda mais as obras ao elucidado por Benjamin. Isto é, enquanto romances, como *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, têm um final fechado, as narrativas orais geralmente possuem terminam em aberto, assim como é o caso dos dois contos, pois, segundo Benjamin, possibilitam que o ouvinte possa dar continuidade à história narrada. Segundo ele,

Nada facilita mais a memorização das narrativas que aquela sóbria concisão que as salva da análise psicológica. Quanto maior a naturalidade com que o narrado renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia. (Benjamin, 2003, p. 204).

Ou seja, é preciso que esses contos tenham finais abertos para que possam ser recontados. Dessa forma, tem-se não só a conservação das narrativas, mas a perpetuação da cultura popular, afinal “contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas” (Benjamin, 2003, p. 205).

3. Considerações finais

Compreende-se então que Inglês de Sousa e Aníbal Machado são autores que constroem suas obras a partir da cultura popular, pois segundo Benjamin, “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas às experiências dos ouvintes” (Benjamin, 2003, p. 2001), tal como fazem ambos os escritores, que arquitetam suas narrativas baseando-se não só em seu fazer literário — experiência própria —, mas no imaginário cultural brasileiro — experiência alheia. Enquanto Inglês de Sousa, por ser pertencente à estética naturalista, constrói sua literatura por um caminho pouco usual, Aníbal Machado cumpre a proposição modernista de realizar uma literatura enraizada na cultura popular.

Isto é, sabemos que a escola literária naturalista tem como uma de suas principais características o cientificismo, ao passo que o movimento modernista pode ser definido, de



forma bem superficial, como a busca pela representação da arte verdadeiramente brasileira. Nesse sentido, é plausível a utilização da cultura popular na construção literária de “Acontecimento em Vila Feliz”, uma vez que tal temática está muito presente no cotidiano do país, sobretudo no interior, possibilitando assim a formação de um imaginário brasileiro, que, por sua vez, contribui com o objetivo traçado pelos artistas modernistas, como Mário de Andrade.

Porém, o mesmo não acontece com “Amor de Maria”, visto que se trata de uma obra do século XIX, sendo, em um primeiro momento, inusitado encontrarmos aspectos da cultura popular presente na narrativa, uma vez que eram comuns narrativas que valorizassem a ciência, e não conhecimentos populares, por exemplo, como é o caso do conto estudado. Assim, o fato de existirem elementos da cultura popular no conto de Inglês de Sousa, mesmo não sendo algo pertinente a sua escola literária, o aproxima da obra modernista cinquenta anos mais nova, “Acontecimento em Vila Feliz”, ao passo que o afasta de outras obras que lhe sejam contemporâneas. Desse modo, levantam-se questionamentos acerca dos motivos que levam a essa inserção desses elementos no conto.

Feita a análise, nota-se que possivelmente Inglês de Sousa utiliza de tal mecanismo pois, enquanto a maioria dos livros naturalistas se passam no Rio de Janeiro — explicando-se assim a ausência, a princípio, do imaginário popular —, “Amor de Maria” está inserido na Amazônia, onde a cultura popular é muito presente. Então, a fim de cumprir com outra característica do Naturalismo, a documentação da realidade, o autor recheia sua narrativa da misticidade popular, porém a faz de forma cética, buscando não romper com cientificismo, como pode ser percebido por meio das intervenções do narrador no final da narrativa, ao afirmar “custa-me a acabar essa triste história, que prova quão perniciososa é a crença do nosso povo em feitiços e feitiças.” (Sousa, 1988, p. 49), mostrando que as crendices e o imaginário popular podem ser perigosos.

Assim, utilizando tais recursos, traça-se uma reflexão crítica acerca do uso do tujá: se a protagonista acreditasse na ciência, a tragédia não teria acontecido. Além disso, o autor incorpora outros aspectos do Naturalismo na obra, como o fatalismo, ao não ser otimista quanto ao paradeiro da protagonista no final da narrativa, e o determinismo, que se mostra na medida em que as escolhas de Mariquinha e as atitudes das outras mulheres são determinadas — ou, no mínimo, influenciadas — pelo meio em que se situam. Dessa maneira, o escritor consegue



apresentar um retrato legítimo do local em que a história é ambientada sem renunciar a estética naturalista — mesmo que em um primeiro momento pareça tê-lo feito.

Portanto, é certo que ambas as obras possuem elementos marcantes da cultura popular mesmo que em dimensões diferentes. Sem a presença do tajá, o enredo e, principalmente, o final do conto de Inglês de Sousa seriam completamente alterados. Ademais, sem o insólito e a presença de questões culturais e sociais em “Acontecimento em Vila Feliz”, a história de Helena também se configuraria de outra forma.

4. Referências

- ABREU, Martha. Cultura popular, um conceito e várias histórias. In: **Ensino de História, Conceitos, Temáticas e Metodologias**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.197- 221.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários Escritos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.
- CANDIDO, Antonio et al. A personagem do Romance. In: **A personagem de ficção**. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 51-80.
- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. São Paulo: Ática, 1986.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 12. ed. São Paulo: Global, 2012.
- COELHO, Márcia Azevedo. **Entre a pedra e o vento: uma análise dos contos de Aníbal Machado**. 2009. Tese (Doutoramento em literatura brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- Cortázar, Julio. Alguns aspectos do conto. In: **Valise de cronópio**. Tradução de Davi Arriguci Júnior e João Alexandre Barbosa. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008, p.147-163.
- Freitas, Dionne Seabra de. **Fantástico e imaginário em contos de Inglês de Sousa**. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.
- Machado, Aníbal. Acontecimento em Vila Feliz. In: **A morte da porta-estandarte e Tati a garota e outras histórias**. 8. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977, p.160-180.



LACERDA, Andréa Maria de Araújo. **O espaço ficcional em contos de Aníbal Machado**. 2013. Tese (Doutoramento em Literatura e Cultura) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **Prosa de ficção: história da literatura brasileira (de 1870 a 1920)**. 4. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

Sousa, Inglês de. Amor de Maria. In: **Contos amazônicos**. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p.41-49.

WEG, Rosana Morais. **Caos e Catástrofe na obra de Aníbal Machado**. 1997. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.